



## CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 12 de junho 2017 ADELAIDE FREITAS

Todas as edições em [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

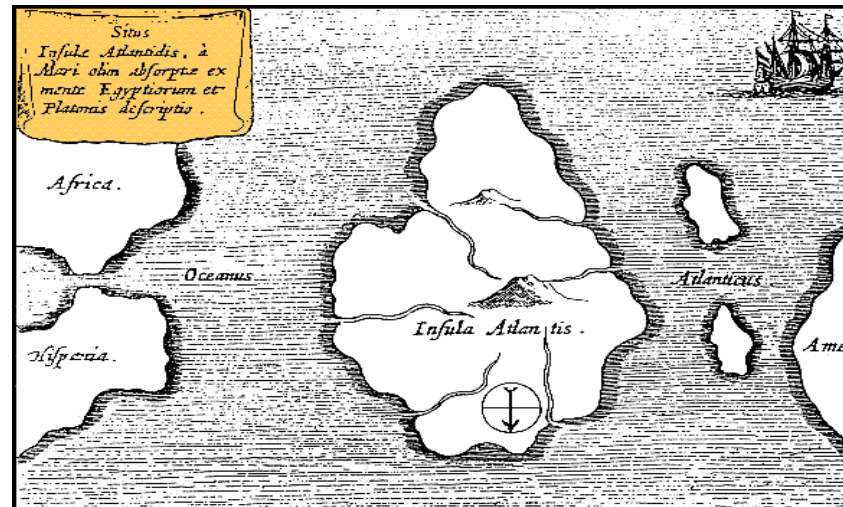
Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



©™®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**  
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)  
Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



**Nota introdutória do Editor dos Cadernos,**

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

ESTE SUPLEMENTO DA AUTORIA DE ÁLAMO OLIVEIRA é dedicado a Adelaide Freitas

### TEMA 1. ADELAIDE FREITAS – a grandeza de um sorriso por dentro da vida

Adelaide Freitas é um dos nomes mais significativos da literatura açoriana. No conjunto das escritoras naturais dos Açores, ela é uma das nossas melhores referências. Urge reler a sua obra. Bem sei que outros nomes (de mulheres e de homens) permanecem no limbo literário do nosso esquecimento. Por isso, entre outras razões para esta evocação, está a de ela ser, simplesmente, uma escritora brilhante.

A atenção centrou-se no tema sugerido pela organização: escritoras açorianas. Na lista de temas apontados para este encontro da lusofonia, não me pareceu haver a preocupação de se querer exorcizar silêncios nem de se estabelecer qualquer critério de análise de coloração machista.

Apesar da referência concreta a «mulheres escritoras», senti-me à vontade para optar, não por um trabalho com pretensões ensaísticas, mas por um pequeno exercício sobre a ineficácia da memória quando deixada sob a influência do que fazem prevalecer sobre o nosso quotidiano. Por mais preparada que a consciência individual e a coletiva estejam para enfrentar o turbilhão social que todos os dias aflige a sociedade, sempre se nos apagam as prioridades que se diriam essenciais para a nossa sobrevivência sociocultural.

Com a barriga não se brinca e a escrita não dá pão, mesmo quando esta acontece por parte de quem tem a generosidade de deixar expressas orientações apaziguadoras dos conflitos que nos afligem. Sei que é muito discutível a função redentora da escrita e, por isso, salto fora de qualquer rito oficioso que provoque quem quer que seja. Volto às escritoras açorianas e fico-me por uma delas.

De entre as mulheres que se destacam no espaço literário açoriano, Adelaide Freitas ocupa um lugar singular. Essa singularidade enforma-se de circunstâncias diversas, sendo de relevar os propósitos que a levam a fazer da escrita uma espécie de manual de solidariedade. Ouso lembrar os primeiros encontros, em que eu olhava para uma mulher bonita, que sorria como se o Mundo fosse do tamanho do seu coração.

Fomo-nos encontrando de acontecimento a acontecimento e ela foi-me prendendo com as suas comunicações – comunicações essas que ora eram de conteúdo especificamente literário ora de cariz sociocultural, mais os serões de amena, mas nunca gratuita, conversa. Sempre me surpreendeu a transparência do seu pensamento, a sua capacidade de análise e a sua incomensurável sensibilidade para tratar de assuntos que exigiam cuidados aflitivos de aproximação, os quais sempre deram azo a soluções justas e atempadas.

Adelaide Freitas – ainda Adelaide Baptista – somou textos sobre textos e foi-os reunindo com propósitos de publicação, cumprindo assim a função pedagógica da partilha, situada em vários contextos como, por exemplo, agente do ensino universitário na área das Literaturas, tendo sido Diretora do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas.

Foi também, durante cinco anos, Presidente do Instituto de Ação Social, cargo que exerceu com enorme sentido de solidariedade. É deste tempo a publicação de um conjunto de textos, sob o título de *Regresso a Casa: uma Proposta de Intervenção Social*. Trata-se de uma espécie de manual onde se define e se esclarece que os serviços sociais só existem porque não se é capaz de proporcionar igualdade de oportunidades a cada um dos membros da comunidade.

Dos títulos que melhor divulgam a personalidade intelectual de Adelaide Freitas está o ensaio que constituiu a sua tese de Doutoramento: *Moby Dick a ilha e o mar – Metáforas do carácter do Povo Americano* – uma brilhante abordagem sobre uma obra emblemática da Literatura norte-americana, e onde os Açores surgem em apontamentos socioculturais e cenográficos num tempo de desejada emigração.

A nível de ensaios especificamente literários, lembrem-se as suas vastas aproximações à escrita de autores açorianos, com destaque para a obra de João de Melo. São dois volumes que vão continuar a merecer a nossa atenção. Dois títulos com poesia e um texto de prosa poética para um álbum sobre o concelho do Nordeste enriquecem também a sua bibliografia.

No entanto, Adelaide Freitas voltou a surpreender com a publicação do romance *Sorriso por Dentro da Noite* – um romance que não passou despercebido aos leitores mais atentos, sendo muitos os que, então, opinaram, de forma crítica, sobre ele. Na verdade, não se pode ignorar um romance sobre o qual Luiz Antônio Assis Brasil escreveu: *muito poderia ser dito (...) sobre seu estilo densamente metafórico e imagético, é possível afirmar que estamos ante um romance de emigração, a somar-se a uma vertente ainda ativa na literatura praticada por escritores açorianos, mas é uma inclusão meramente conceitual e categorizadora, pois se trata de uma obra que, de certo modo, renova esse viés literário trazendo-nos a experiência dos que ficam, antes tão sofrendores e perplexos como os que partem.*

Por sua vez, Daniel de Sá sentenciou: *Esta é a história dos «emigrados» que ficam, aqueles que partem sem sair da ilha, porque vai o melhor deles com quem lhes leva as memórias e os sentimentos, falando todos a mesma voz, numa espécie de discurso indireto na primeira pessoa, o que não quebra o ritmo da leitura, o turbilhão das ideias.*

*Sorriso por Dentro da Noite* é, na verdade, um livro de releituras, porque, na sua trama estrutural, há como que um mar de propostas de entendimentos que nos conduz para opções diversas, para diferentes estados emocionais e até para conclusões interpretativas plurissignificantes. Em cada leitura caberá sempre um olhar outro e as personagens, que Adelaide Freitas vai pacientemente construindo ao longo da sua narrativa, continuando as mesmas, deixam, ao leitor, como que uma espécie de liberdade para a reinvenção ou para adendar pormenores de caracterização. Escrevi em 2004 que «A compreensão da nossa história social terá que passar (pela leitura) deste livro.» Estamos perante um romance que marca, positivamente, uma época literária nossa.

Os Açores contam com um número considerável de escritoras. Algumas delas fazem parte da lista obrigada de nomes a que a História da Literatura Portuguesa está sujeita, embora fique por perceber as razões a que a nossa memória recorre para fazer desaparecer e reaparecer, numa oscilação de maré continuada, alguns dos nomes que, nem temporariamente, deviam submergir. Continuamos sujeitos a modas, a aniversários que nos dão jeito, a espalhafatos celebrativos que se esgotam na sessão solene e que prestigiam os promotores mais do que os homenageados.

Adelaide Freitas está no limbo da memória coletiva. E não está sozinha. Tem a companhia de muitos outros, desaparecidos ou não e que estão à espera de nada. No entanto, nem ela, nem os seus livros merecem tamanho silêncio. Infelizmente, ela não voltará a surpreender-nos através da escrita. Mas surpreender-nos-á sempre através dos livros publicados, pois em cada ensaio de tema social ou literário ficou a sua inteligência, o seu poder analítico, a sua capacidade de convencimento, os seus saberes de âmbito universalista.

A sua poesia deixa transparente a enormidade do seu coração, como Penélope que espera fazer um Mundo melhor, utilizando o tear onde as suas palavras se urdem com os fios preclaros dos afetos. Depois, vem o livro que a faz autora de um só romance. Cabem, então, os adjetivos mais laudatórios e o leitor, mesmo o distraído, entende que está perante uma grande escritora. Bem sei que outros nomes (de mulheres e de homens) permanecem no limbo literário do esquecimento. O nome de Adelaide Freitas impôs-se-me por muitas razões. A mais forte de todas: a amizade que nos irmanou desde sempre; a maior de todas: ela ser uma brilhante escritora açoriana da Língua portuguesa; a mais sublime: a de ela ser um sorriso por dentro da vida.

*Álamo Oliveira*, Raminho, janeiro de 2013



## CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

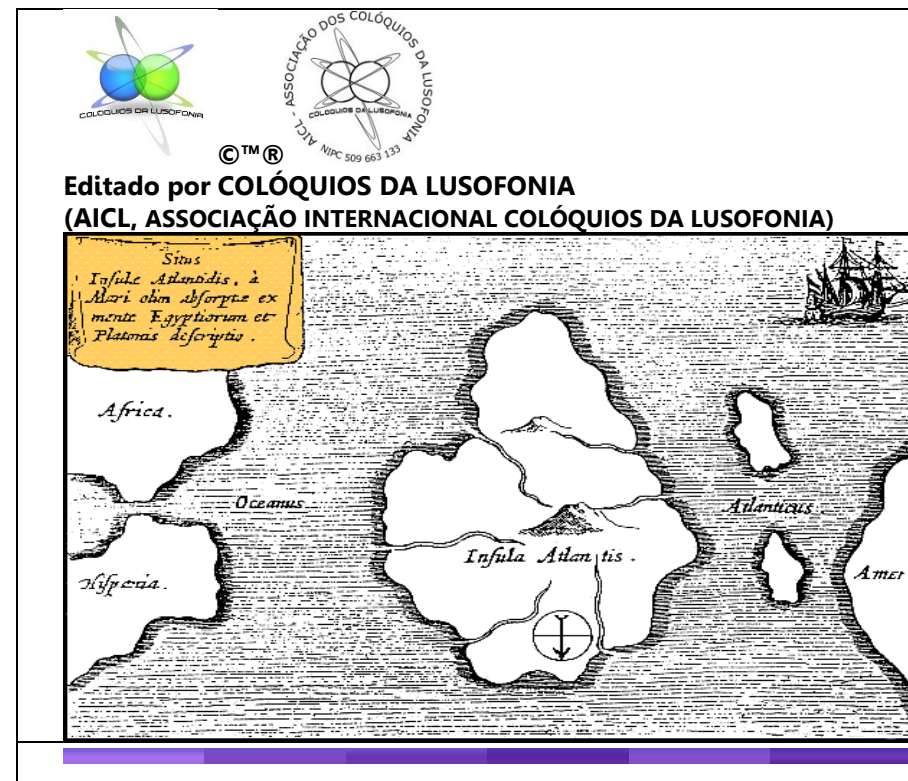
Suplemento # 12 de junho 2017 ADELAIDE FREITAS

Todas as edições em [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



**Nota introdutória do Editor dos Cadernos,**

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

ESTE SUPLEMENTO DA AUTORIA DE ÁLAMO OLIVEIRA é dedicado a Adelaide Freitas